

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**DANILVA MARTINS GONÇALVES**

**BARBIE, NORMATIVIDADE E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
FEMININA: INFLUÊNCIA INTENCIONAL?**

**ITUIUTABA  
2025**

**DANILVA MARTINS GONÇALVES**

**BARBIE, NORMATIVIDADE E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
FEMININA: INFLUÊNCIA INTENCIONAL?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como parte das exigências do curso de  
graduação em Ciências Biológicas –  
Modalidade Licenciatura, do Instituto de  
Ciências e Natureza do Pontal da Universidade  
Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Welson Barbosa Santos

**ITUIUTABA  
2025**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G635 2025	<p>Gonçalves, Danilva Martins, 2003- BARBIE, NORMATIVIDADE E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA: [recurso eletrônico] : INFLUÊNCIA INTENCIONAL? / Danilva Martins Gonçalves. - 2025.</p> <p>Orientador: Welson Santos. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Ciências Biológicas. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Biologia. I. Santos, Welson ,1967-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.</p> <p>CDU: 573</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, por ser o meu verdadeiro amigo e condutor nessa trajetória, que realizou os desejos do meu coração e me deu forças para prosseguir com o meu sonho.

Aos meus pais, Gilsilene e Paulo, que sempre fizeram de tudo para que eu conseguisse me dedicar aos estudos, por me apoiarem e acreditarem em mim, me dando amparo e proteção a cada obstáculo enfrentado nesse caminho e sem exceção nenhuma colocaram o meu sonho à frente e lutaram por essa conquista. Isso só foi possível, pois tenho vocês em minha vida. Gratidão a minha mãe, por ouvir incansavelmente os meus desabafos e anseios e, mesmo assim, acreditar em um potencial no qual nem eu mesmo acreditaria. Agradeço a minha irmã, Danilara, que sempre me entusiasmou e torceu por mim.

Agradeço aos meus avós, Ivanilda e Divonézio, que de maneira única sempre estiveram comigo me apoiando e comemorando desde as pequenas conquistas da minha trajetória acadêmica, por cada abraço de afeto que me fez sentir acolhida e fiz dali o meu refúgio perante os entraves encontrados.

Aos meus professores(as), os meus sinceros agradecimentos, pois tive a oportunidade de adquirir conhecimentos necessários para o meu crescimento pessoal e profissional. Especialmente, quero agradecer ao Professor Dr. Welson Santos, que é também o meu orientador. Desejo expressar o meu reconhecimento e gratidão pela oportunidade de aprender sob sua orientação. Agradeço pelos conselhos e por me encorajar nesse caminho e maiormente por acreditar em mim e me motivar a buscar os meus propósitos acadêmicos.

Por fim, quero agradecer a todos os amigos e familiares que de uma forma ou outra cooperaram para a execução deste trabalho.

## RESUMO

Brinquedos não são ingênuos como poderíamos pensar, esperar, apostar. Trazem discursos rígidos de uma sociedade normatizadora e atendem a demandas múltiplas de uma sociedade desejada, esperada, almejada. A boneca Barbie como brinquedo feminino é um bom exemplo disso. Portanto, é a partir dessa premissa que este trabalho se articula, indo para a forma como esses e outros mecanismos de enquadramento e ajuste do feminino ocorrem. O percurso inclui a forma como a escola entra e contribui nesse processo de docilização do corpo feminino. A partir da reflexão iniciada, referente à criança do sexo feminino e à repercussão e ampliação dos debates em relação à mulher de nosso tempo, afirmamos tratar-se de estudo e pesquisa de perfil qualitativo. O trabalho ensaia acerca das reflexões que o Grupo de Pesquisa Educação Masculinidade Cultura e Subjetividade – GPEMCS efetua e envolve um pouco desse debate sobre a forma de se perceber e enquadrar o corpo da mulher. Nos memoriais feitos por estudantes de um curso de licenciatura em ciências biológicas de uma universidade pública federal, localizada no Triângulo Mineiro, tem um referencial. Trata-se de uma escrita centrada no campo das Ciências Humanas, usa a análise de discurso como diretriz, permite considerar a forma como a escola na contemporaneidade e os brinquedos femininos que atuam na identidade feminina. Um desafio entendido é que a escola pode e precisa rever seu papel e lugar ao lidar com crianças meninas desde muito cedo, ajudando na formação de seus valores e identidade, visando uma mulher menos aprisionada a valores patriarcais.

**Palavras-chave:** Mulher. Docilização de corpos. Escola. Bonecas. Feminino.

## ABSTRACT

Toys are not naive like thinking, hoping, betting. They bring rigid discourses from a standardizing society and meet the multiple demands of a desired, expected, desired society. The Barbie doll as a female toy is a good example of this. Therefore, it is from these premises that this work is articulated, going into the way in which these and other mechanisms of framing and adjusting the female incident. The path includes how the school enters and contributes to this process of docilization of the female body. Based on the reflection initiated, regarding female children and the repercussion and expansion of debates in relation to women in our time, we affirm that this is a study and research with a qualitative profile. The work rehearses the debates that the Masculinity, Culture and Subjectivity Education Research Group – GPEMCS carries out and involves some of this debate about the way in which the woman's body is perceived and framed and has in memorials made by students of a degree course in biological sciences at a federal public university located in the Minas Gerais triangle, a reference. This is a piece of writing centered on the field of Human Sciences, using discourse analysis as a guideline, allowing us to consider the way in which the school of our time and female toys affect female identity. A challenge understood as a consideration is that the school can and needs to review its role and place when dealing with girl children from a very early age, helping to form their values and identity, aiming for a woman who is less imprisoned by patriarchal values.

**Keywords:** Woman, docilization of bodies, school, dolls, feminine.

## **SUMÁRIO**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 PRESSUPOSTO.....</b>	<b>11</b>
2.1 Objetivos Gerais.....	11
2.2 Objetivos Específicos.....	11
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
<b>4 CAPÍTULO I.....</b>	<b>12</b>
4.1 Metodologia para uma escrita sensível e o debate feminino no campo pós estruturalista.....	12
<b>5 CAPÍTULO II.....</b>	<b>16</b>
5.1 Barbie: uma boneca ou um aparato social e capitalista de docilização de corpos?.....	16
5.2 Mídias sociais: um mal do nosso tempo ou um recurso de valor a se considerar?.....	17
5.3 O universo Barbie e seus meandros.....	19
5.4 Há influência do digital na identidade das novas gerações femininas?.....	21
5.5 O brinquedo, a forma de docilização e a construção do feminino com as bonecas.....	22
5.6 Escola, controle e docilização de corpo: os controles como marca da escola.....	29
<b>6 CAPÍTULO III.....</b>	<b>33</b>
6.1 Subalternização e docilização feminina: Vício histórico ou comodidade do patriarcado?.....	33
<b>7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>41</b>
<b>8 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nasci na cidade de Canápolis, no estado de Minas Gerais, e fui educada pelos meus pais, Gilsilene Figueira e Paulo Gonçalves, que, embora enfrentado dificuldades juntos, sempre me apoiaram e fizeram de tudo para que eu conseguisse ingressar em uma universidade após concluir o Ensino Médio. Sempre estudei em escola pública e os meus pais procuravam ampliar ainda mais o meu conhecimento, contando com o apoio de aulas particulares, pois já aguardavam ansiosamente por minha aprovação em algum vestibular.

Desde criança, a cada ano eu me identificava com uma profissão diferente, fato semelhante a Barbie profissões, o que deixava todos pensativos em relação ao meu futuro profissional. Sempre fui apaixonada no mundo cor de rosa e me sentia atraída pelas bonecas, principalmente a Barbie, com isso, normalmente eu tinha várias bonecas da coleção, pois meus avós maternos procuravam me agradar a todo momento. Através do meu contato com as bonecas, durante o decorrer da minha infância, as quais eram minhas alunas na brincadeira de ser professora, cresci fascinada por elas, o que me leva a ter bonecas até os dias atuais.

Com isso, sempre observei minuciosamente os detalhes presentes em cada uma, como a cor da pele, cabelo, vestimenta, enfim, características físicas que sempre compunham a caracterização da boneca. E por meio dessas examinações, percebi que eu não possuía nenhuma boneca negra e fiquei muito chateada com isso. A maior dificuldade é que não encontrava com facilidade nos comércios da minha cidade esse modelo, visto que é uma região pequena e não possui muitas opções de estabelecimentos. Entretanto, o meu sonho de ter as que haviam no mercado aumentava a cada comercial assistido na televisão, pois era a boneca do momento, contendo fraldas e até mesmo o fato dela vir com um braço quebrado para que a criança pudesse cuidar daquele bebê.

Assim como as outras vezes, nessa não foi diferente, meus avós conseguiram uma Barbie negra para mim e eu fiquei muito feliz e grata. Dessa maneira, seguindo uma narrativa de minha escolarização, ao chegar no ensino fundamental eu já tinha me encantado com a ideia de ser professora, chegava da escola, almoçava e corria para brincar de escolinha. Eu tinha um quadro de giz e um sonho e, com isso, a imaginação de me ver diante de uma sala com os alunos aprendendo através de mim. Os anos foram passando e, ao chegar no Ensino Médio, tive medo ao me deparar com o aumento das disciplinas presentes na grade curricular, mas sempre fui encorajada por minha mãe.

Dessa forma, continuei meus estudos no único colégio da cidade que proporcionava o nível médio da educação, bem próximo de minha casa, mas minha mãe me levava e buscava de carro diariamente. Após dar início aos novos conteúdos, tive uma afinidade com o componente de Biologia, fato que me deixava atraída com cada reino estudado. Eu sempre me dedicava inteiramente a esse conteúdo e diversas vezes deixava os outros de lado, precisava me fiscalizar quanto a isso. No final do primeiro ano, eu me encontrava decidida, meu sonho de infância continuava presente no meu coração e agora completado com o componente de Ciências Biológicas.

De maneira única, eu dediquei inteiramente o meu tempo ao estudo, visto que o desejo do meu coração era de conseguir uma vaga em uma universidade pública. Continuei estudando e, logo no início do meu terceiro ano do Ensino Médio, veio a pandemia e, com isso, minha formação precisou ser totalmente por meio remoto, como ocorreu no mundo todo. É inegável que a qualidade do ensino diminuiu ainda mais e o receio de não conseguir absorver o conteúdo como precisava me assombrou, além disso fiquei muito chateada pelo fato de não ter uma despedida adequada e tive somente algumas fotos singelas.

Apesar disso, mais uma vez minha mãe me incentivou e eu comecei a fazer um cursinho *on-line* preparatório para o ENEM e essa era a minha esperança de conseguir a tão esperada vaga. A ansiedade na espera do resultado era grande e a felicidade ao ver meu nome, selecionado em primeiro lugar, divulgado pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) naquela lista, foi maior ainda, respirei aliviada e muito feliz. A minha opinião estava bem concretizada, pois não coloquei segunda opção de curso, apenas a primeira, na Universidade Federal de Uberlândia, *campus* Pontal.

Outra questão relevante é que enfrentei muito preconceito em relação ao curso escolhido, justamente por ter conseguido uma excelente nota, visto que alcançaria o curso de Direito. Logo, recebi diversas indagações, como, por exemplo, “Nossa, certeza que quer ser professora? Sabe que nem recebe direito, né?” Mas a verdade é que o amor pela educação já estava plantado dentro do meu coração há muitos anos, principalmente ao me deparar com excelentes professores que tive presentes na minha trajetória escolar.

E num piscar de olhos, eu me encontrava dentro da universidade, andando pelos corredores e me perguntando se realmente era eu mesma que estava realizando aquele sonho. De maneira surreal, a idade não me fez deixar as bonecas de lado e a procura pelas respostas das indagações que ficaram em aberto desde a minha infância ainda se encontravam comigo. Com o passar dos períodos, tive a oportunidade com um professor

da área pedagógica, de participar da escrita de um capítulo de um livro e direcionei meus pensamentos para a boneca e a consequente docilização feminina.

A princípio pensei que minha ideia estava muito infantil, mas, com o apoio que recebi, consegui expressar a subalternização enfrentada pelo gênero feminino, o que reflete particularidades da boneca. A partir de então, me encontrei mais entusiasmada para escrever, tendo o principal foco a boneca, sobretudo, a Barbie. A minha seleção por essa boneca se remete às características que predominam, uma vez que é um corpo esteticamente padronizado e imposto como normatividade dentro de uma sociedade excludente com aquilo que não condiz simultaneamente a seus princípios, estes formulados por meio de estereótipos do senso comum.

Por fim, explorar essas concepções que afetam diretamente o crescimento das crianças e adolescentes, visto que se encontram presentes desde o berçário até a juventude, foi primordial para o desenvolvimento deste trabalho. Além do mais esse comportamento é refletido na vida adulta, por meio da busca incansável de estar semelhante à forma espelhada pela boneca. Por meio dessas conclusões e em colaboração do meu orientador, decidimos que o tema deste TCC seria Barbie e normatividade feminina.

Assim, a partir de referenciais teóricos que me sustentam, como os estudiosos Michel Foucault, ao debater com riqueza a questão do gênero e subalternização da mulher; Rosa Maria Bueno Fischer que nos desafia a escrever com sensibilidade sobre a educação em pesquisas acadêmicas; Stuart Hall e Bauman propondo uma leitura mais diferenciada sobre o que é identidade e a construção dessa na pós modernidade, é possível se afirmar que vem de longa data, ações, intencionalidade e inserção das indústrias de brinquedos, no vender modelos, padrões, impor normas, aceitar e ajustar-se a uma expectativa de valores e traços de identidade e de corpos. A ação é de inserção, no imaginário das crianças, produtos que trazem consigo valores sociais de normatividade em diferentes campos. Um mover centrado em jogos de interesses de uma sociedade que mantém viva a misoginia, a homofobia, a transfobia, racismo, sexismo, branquidade, dentre outros.

Portanto, inicialmente, tenhamos por valor que os brinquedos e a escolarização, desde o maternal e pré-escola, não são processos ou objetos ingênuos e bem intencionados como poderíamos pensar, esperar, apostar. Trazem discursos rígidos de uma sociedade normatizadora e atendem a demandas múltiplas de uma sociedade desejada, esperada, almejada. Exemplos disso: a dificuldade de lidar com as genitálias e o prazer, daí bonecas

são assexuadas, sem órgãos genitais; da expectativa de branquidade, prova disso é que as bonecas foram por muito tempo brancas e loiras; de estética corporal, bonecas absurdamente magras e femininas ao extremo, de cinturas ultrafinas, normalmente usando saltos altos, do mesmo modo as imagens e desenhos inseridos na escola.

Dentro desse contexto, têm sido suscitados questionamentos dessas estéticas históricas trazidas pela indústria de brinquedos e marcas da escolarização em seus anos iniciais. Isso porque vivemos tempos de uma infância em que as mídias digitais se expandiram e os brinquedos convencionais tendem, cada vez mais, a serem esquecidos, mostrando a perceptível influência da dependência digital, que atua velozmente na construção da identidade das crianças. Mas acaso a estética dos modelos digitais mudou ou é ainda a que tem chegado às famílias e às salas de aula?

Mesmo que estejamos vivenciando sensíveis mudanças na sociedade e entre as crianças para um campo digital forte e influenciador, a tentativa da padronização estética dos corpos está refletida sob a comercialização em massa de bonecas, sobretudo a Barbie Girl, sendo o objetivo primordial das indústrias de produção. O que houve foi só uma reorganização de todo esse material, agora impulsionado pelo digital. Mas achamos importante entender um pouco do histórico desse movimento de produção de modelos e que antecede a era digital e sua secularização. Deixaremos para mais adiante, também, o papel da escola no romper ou contribuir para esse traço patriarcal histórico de docilização e enquadramento do corpo feminino.

Portanto, a centralidade é o sexo feminino de nosso tempo (Adiche, 2019). Os desafios, mediante a toxidade de algumas identidades masculinas, conforme descrevem Connell (1995), Connell & Messerschmidt (2013). Sendo portanto, um dos recortes que nos chama a discutir o feminino a partir do masculino. Esclarecendo, os autores sinalizam que as masculinidades têm sido tóxicas nas suas relações históricas com as mulheres e consigo mesmas, nas relações de poder que estabelecem entre homens normativos e não normativos e entre homem e mulher principalmente (Santos *et al.*, 2023). Na forma como o corpo da mulher foi enquadrado, produzido para ser formatado e dócil, esta é a questão que interfere até no trato entre mulheres, o autor bem nos sinaliza. É a partir dessas premissas que o recorte aqui apresentado se insere.

No campo dos sentidos e de localização em que esse trabalho está, por envolver também o processo de escolarização e as identidades ajustadas na escola, tendo como foco a valorização da formação docente, Schumann (1986) nos auxilia mostrando que o/a professor/a inicia sua formação profissional muito antes do ingresso em uma graduação,

processo começa a se construir durante suas trajetórias pessoais escolares, na Educação Básica, mesmo na família e nos hábitos, brinquedos que são inseridos no dia a dia da criança. Trata-se de um processo discursivo poderoso e que formata gerações de crianças ao atenderem ao padrão normativo e a serem impressos nos corpos, ajustam-se ao que se espera delas.

Um bom exemplo disso são as formas como bonecas, cozinhas em miniaturas, tábuas de passar roupa, mini fogões e vassouras aparecem com frequência entre as opções de brinquedos. Na fase da escolarização, que no nosso tempo começam muito mais cedo, às vezes aos dois ou três anos de idade, tais processos seguem seus cursos perpetuando o trabalho que se iniciou no seio da família. Mas é na universidade que as memórias desse tempo podem ser validadas, no desenho que constituirá o sujeito (Foucault, 2007).

## **2 Pressuposto**

A boneca Barbie como um referência ao debate de definição de mulher para ajustá-la a um grau de expectativa de corpo e modelo esperado ao feminino.

### **2.1 Objetivo Geral**

Discutir um paralelo entre o mercado de uma boneca ou de brinquedos, com auxílio da mídia digital e a produção de corpos femininos, o que se espera dele no campo da norma e da forma.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- a) Debater feminino no campo pós-estruturalista.
- b) Buscar aprofundamentos referentes à docilização de corpos femininos por meio do discurso tendo a Barbie como uma referência.
- c) Considerar a Influência da mídia social digital na padronização de corpos femininos.
- d) Discutir a subalternização feminina através do domínio patriarcal e docilização dos corpos.

## **3 PRINCIPAIS FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS**

A boneca Barbie, longe de ser apenas um brinquedo infantil, emerge como um potente artefato cultural e midiático que se insere no cerne do debate sobre a definição de "mulher" e a construção de um ideal feminino normativo. Partindo dessa premissa, esta pesquisa se propôs traçar um paralelo entre a dinâmica do mercado de brinquedos, amplificado pela influência da mídia digital e a produção de corpos femininos moldados

por expectativas sociais de norma e forma. Nesse sentido, a fundamentação teórica explora as contribuições do pensamento pós-estruturalista, notadamente as reflexões de **Judith Butler** sobre a performatividade de gênero e a desconstrução de identidades fixas, bem como as análises de **Michel Foucault** acerca das relações de poder, do biopoder e dos processos de docilização dos corpos. A perspectiva foucaultiana se mostra fundamental para compreender como o discurso, tendo a Barbie por exemplo concreto, opera na produção de corpos femininos normalizados. Adicionalmente, a investigação se apoiará nos estudos de **Rosa Maria Bueno Fischer** e nas contribuições de **Stuart Hall** para a análise da cultura e da representação, auxiliando na compreensão de como a imagem da Barbie é codificada e decodificada na sociedade. A fluidez e as transformações das identidades na contemporaneidade, conforme discutido por **Zygmunt Bauman**, também serão consideradas para analisar o impacto da constante exposição midiática na percepção e construção dos corpos femininos. Por fim, a pesquisa dialoga com as reflexões de **Welson Barbosa Santos** sobre questões de gênero e poder no contexto brasileiro, buscando nuances específicas para a realidade nacional. Ao articular essas perspectivas teóricas, busca-se aprofundar a compreensão da influência da mídia digital na padronização corporal e da subalternização feminina perpetuada por estruturas patriarcais.

## 4 CAPÍTULO I

### 4.1 Metodologia para uma escrita sensível e o debate feminino no campo pós estruturalista

A partir da reflexão iniciada, referente à criança do sexo feminino e à repercussão e ampliação dos debates em relação a mulher de nosso tempo, afirmamos que este estudo e pesquisa é de perfil qualitativo. O trabalho ensaia acerca dos debates que o Grupo de Pesquisa Educação Masculinidade Cultura e Subjetividade – GPEMCS efetua e envolve um pouco dessas reflexões sobre a forma como o corpo da mulher é percebido e enquadrado. Trata-se de uma escrita centrada nas Ciências Humanas, com uma atenção para a materialidade analítica dos escritos de estudantes de graduação de um curso de Ciências Biológicas de uma universidade pública brasileira, localizada no Triângulo Mineiro.

Metodologicamente, temos aqui a utilização e aproveitamento de discussões feitas com as estudantes, escritos produzidos por elas e que foram alcançados, também, por via de discussão feita em algumas disciplinas, de caráter formativo/pedagógico. Em especial uma em que se trabalhou temas sobre educação, corpo, sexualidade e gênero e de caráter obrigatória. Nelas, ao fim de cada curso, tem sido proposta a elaboração de um memorial – no formato digital.

O caminho traçado foi a partir de experiências, enquanto graduandos/as, de 17 estudantes que foram chamados/as a tecer escritos - com traços memoriais – que narrassem suas vidas, histórias e circunstâncias vivenciadas na escola (Santos *et al.*, 2024). Para o trabalho aqui apresentado, três dessas estudantes foram convidadas a serem participantes. Assim, diante dos escritos - memoriais, tomamos por referência a análise do discurso, como norteiam Fischer (2001; 2021) e Fernandes (2012), a partir das orientações dadas por Michel Foucault (2011).

Apoiados em Fischer (2001), a busca foi por chegar à complexidade e à peculiaridade dos discursos, desprendendo-se do vício de aprendizado que gera olhar o discurso como conjuntos de signos e/ou significantes de determinados conteúdos. Nesse processo, os estudos de Foucault (2011), para tal análise, são valiosos. Quanto à escola e seu significado nesse trabalho e nas narrativas de nossas participantes, a entendemos como local em que se convive, em dados momentos, com um não reconhecimento da identidade fora da norma.

As narrativas pessoais escritas pelos(as) graduandos(as) nos trazem essas possibilidades de entendimento. Pensamos essa convivência enquanto potência, enquanto subjetividades múltiplas, de que modo as universitárias a percebem e como ela está em suas memórias e aparecem em forma de escrita em memorial. A produção nos é material de estimado valor e mostrou-nos um pouco do que são as normas dentro dos dispositivos de controle escolar, conforme Foucault (2007; 2011) nos inspira perceber e Fischer (2021) nos chama a fazê-lo.

Então, essa busca nas memórias dos/as licenciandos(as) fundamenta-se no conceito de que essa memória pode ser tomada por matéria-prima para mapear os fatos e compreender as bases de pensamentos, nas quais se pautam as ações de inclusão, exclusão, sociedade, controle, corpo e desejo. Um movimento complexo que exige sensibilidade de quem observa e fala sobre tal questão, como Fischer (2021) bem reforça. Ellis (2004) nos orienta da importância disso e quais cuidados é preciso se ter diante de materiais humanos, de narrativas pessoais. O autor nos ajuda, referente à memória, que

foi aqui capturada, visando à possibilidade de fortalecer essa fonte de dados. Ela é uma maneira de analisar as experiências passadas que se tornam objeto de observação e estudo, mas também fundamentos para a formação e reflexão de futuros docentes.

E sobre ter e buscar memórias como material, é “[...] um método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta, descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural” (Ellis, 2004, p.12). Logo, o estudo, adequado aos projetos e desafios do GPEMCS, traz consigo distintas narrativas de vida, marcadas por sensações e elementos, apresentados pelos/as estudantes que nos trazem aspectos potentes para identificar práticas de controle e docilização dos corpos, descritas por Foucault (2007). Trata-se de algo que:

Possibilita, portanto, o desenvolvimento tanto da consciência sobre as experiências vivenciadas, quanto o autoconhecimento situando o narrador como sujeito de sua própria história [...]. Com essa compreensão, percebemos que a narrativa possibilita a reconstituição de processos históricos e socioculturais vivenciados nos diferentes contextos da formação e do exercício da profissão docente (Brito, 2010, p. 55).

Assim, o tempo e as histórias podem ser entendidos como “[...] um conjunto de acontecimentos que ocorreram um dia, mas continuam a funcionar, a se transformar através da história, possibilitando o surgimento de outros discursos” (Fernandes, 2012, p. 21). Nesse caminho, é em Foucault (2011) que encontramos melhor compreensão do discurso como prática social. Para o autor, trata-se de um modo de ação no mundo, forma de representação e que mantém relações dialéticas com a estrutura social.

Portanto, é dessa maneira que se pode falar do discurso e constituir e contribuir para a construção de sujeitos, objetos e conceitos, ou mesmo de identidades sociais, relações sociais entre as pessoas e sistemas de saberes e referências. Daí a importância de fazermos o exercício de memórias de nossos licenciandos, na busca por achar nelas, os discursos que os atravessaram em dado momento de suas vidas e os alcançaram, estando presentes em suas subjetividades. Mas, como percebê-la, que cuidados há de se ter, que cuidados o pesquisador precisa empenhar-se a desenvolver?

Nessa busca, ao encontro dos discursos que atravessaram de alguma forma a trajetória pessoal das participantes, é por meio dos depoimentos que acontece o surgimento de respostas, pois “[...] raros são os casos de pesquisas que se mostram como vitalidade, como carne viva, espinhos em nossa carne. [...]” (Fischer, 2021, p.3) e esse é o desafio que queremos assumir. Dessa forma, em poucas oportunidades o eu desencadeia sentimentos de compreensão ao relato, que teve como matéria-prima acontecimentos

diários analisados. A partir dos fatos narrados é que foi possível perceber atravessamentos do discurso para que ficasse explícito marcas e vestígios provocados por meio do poder de fala e escrita e que os memoriais nos deram acesso.

Os memoriais, por serem relatos pessoais, trazem muito dos discursos que ajustaram a identidade de quem escreve. De acordo com Foucault (2010), ao defendermos determinado ponto de vista há o predomínio de comportamentos com atribuições referentes à religião, à escolarização, aos hábitos familiares, dentre outros. Aí está a importância de se valorizar o discurso em trabalhos que abordam identidades, afinal somos sujeitos culturais, de subjetividade única, embora aprendamos e absorvamos muito do comum social, daquilo que nos é imposto como padrão esperado (Santos, 2016).

Nesse caminho de entendimento, uma atenção especial vinda de Foucault (2010). Caso de que devemos estar atentos ao fato da opinião do próximo ser oposta ao nosso senso crítico e que, por isso, às vezes rotulamos o outro como o errado e, conseqüentemente, há a segregação social, questões decorrentes dos valores padronizados que nos são impostos de diferentes formas, as questões de sexualidade e gênero são exemplos. No que se refere ao gênero, a sala de aula é o local em que o aprendizado vai além da teoria e leitura do material didático, pois é nesse cômodo da instituição escolar que o aluno deve se sentir seguro.

Ao mesmo tempo, procedem dessa instituição considerados processos de formação das identidades também. Foucault (2011) salienta sobre a força desses discursos na formação do sujeito cultural. Também, sobre a força das microrrelações de poder, do sujeito direto com o sujeito, na conversa de “pé de ouvido”, que ele chama de microrrelações de poder.

Nesse sentido, Segundo Fischer (2021), o diálogo restrito leva ao abandono da conversa e, assim, abatemos a força do vínculo, das comutações do pensamento, por isso a necessidade da compreensão da palavra – conversar -, propondo a valorização dos processos. Ainda, em uma classe, o professor encontra diversos impasses desde a educação básica, no ensino fundamental, com a presença de tarefas para colorir. Avaliamos que ao desenvolver atividades de coordenação motora, algumas destas de colorir, contam com imagens fictícias de crianças, a partir disso, os alunos buscam ilustrar espelhando-se em sua imagem pessoal.

## 5 CAPÍTULO II

### 5.1 Barbie: uma boneca ou um aparato social e capitalista de docilização de corpos?

Iniciamos este capítulo discorrendo sobre a boneca e o brinquedo feminino na infância. A boneca Barbie foi desenvolvida em um contexto pós-guerra, com descendência alemã. Mesmo que refletindo sobre o efeito complexo do pensamento alemão na segunda Grande Guerra, vale ponderarmos sobre o que aquela sociedade pensava antes, durante e depois. Acaso há como mudar uma forma de se perceber o mundo? Isso nos remete aos estudos de Hannah Arendt (1989; 1999; 2000), na forma como o pensar das pessoas estão ajustados e organizados num campo de legalidade e adequados ao contexto. Daí a necessidade de considerarmos as características que podem estar sendo reforçadas, assim como as possíveis intenções discursivas inseridas nesse brinquedo. Segundo Brugnera; Silva (2012),

Imersa em um mundo cor-de-rosa, repleta de acessórios da moda e objetos de prestígio, a menina consumidora é convencida de tê-los em sua coleção. A sua marca cor-de-rosa ensina e produz certas formas de pensar, agir, estar e se relacionar com o mundo. (Brugnera e Silva, 2012)

Os autores nos respaldam considerar o incontestável, o relativo interesse do mercado capitalista em prosseguir o aumento dos seus lucros, pois com a existência de diversas composições de roupas, a menina cresce com a concepção da necessidade de ser cada vez mais consumista para conseguir visibilidade a partir do que a moda impões. Além disto, a definição de felicidade se torna algo inacabável, uma vez que submete-se à obtenção de patrimônio material, além de impor diversas formas demonstrativas de como ser menina, impõe valores inseridos dentro de uma sociedade normativa. Há aí os traços de um corpo docilizado e ajustado a demanda (Foucault, 2007).

Nesse contexto, tomemos nota de alguns conceitos dados por Gerber (1999). O autor cita que a Barbie foi lançada com trinta centímetros de altura e apenas dois centímetros de cintura. Esse panorama inautêntico pode ter sido um dos responsáveis pela busca excessiva das jovens pelos corpos fictícios, denominado e direcionado pelas revistas e mídias. Para o autor, essa perspectiva ainda é presente na atualidade, acentuando-se com o surgimento do aumento de número de casos de pacientes com anorexia. Em outras palavras, esse medo exagerado de engordar é uma consequência da tentativa de uniformização de corpos. Nisso, como pensar quem e como lidar com as mídias?

## **5.2 Mídias sociais: um mal do nosso tempo ou um recurso de valor a se considerar?**

Sim, vivemos tempos de globalização e a humanidade se deslocou. Houve a criação de métodos, os quais tinham o principal objetivo da melhoria da vivência entre as comunidades. Sendo assim, a população contou com o apoio da tecnologia para facilitar a comunicação entre os indivíduos, estes possuem uma ampla rede de informações para serem utilizadas de acordo com suas preferências. Assim, ao discutir mídias é necessário ressaltar que o usuário pode estabelecer uma seleção para filtrar os dados relevantes para o seu acesso, visto que há uma diversidade de temáticas que são de fácil acesso para os usuários e nem sempre tão saudáveis. Contudo, como desenvolver um filtro?

A partir das atualizações e aprimoramento dos sites, a internet se tornou uma ferramenta de trabalho essencial, tanto no uso dos computadores e sistemas para o comércio, quanto para facilidade de pesquisas acadêmicas, reforça Farias; Monteiro (2012). Sendo assim, fazer o seu uso foi indispensável para os determinados setores. Entretanto, dentre o desenvolver de tamanha acessibilidade, os usuários da internet começam a utilizá-la não somente com o intuito de auxílio, visto que a criação de redes sociais trouxe uma conexão virtual para os indivíduos. Dessa forma, compartilhamos informações referentes ao cotidiano, das quais não possuímos controle sob a visibilidade que alcançarão. Mas de que forma esses dados alcançam tamanha dimensão?

Para os autores essa proporção se deve ao fato de cada usuário possuir a capacidade de criar o seu próprio perfil, dentro de aplicativos que concedem autorização para determinada função, a partir disso, o público tem a possibilidade de destacar suas características e aptidões. O intuito dessa mídia social é interligar e conectar os integrantes para que os mesmos continuem mantendo esse contato *on-line*, independente do panorama identificado, seja ele de relação profissional, lucrativo, educacional, entre outros (Farias; Monteiro, 2012).

Apoiado na ideia de personalizar o seu perfil de acordo com sua imagem, o indivíduo transmite informações de caráter privativo sobre sua vida pessoal, para se comunicar mais agilmente com o próximo. Assim, sem se preocupar com o nível de intimidade, o usuário faz o uso de publicações com suas fotos, buscando a melhor versão sobre si para deixar exposto de forma pública aos demais amigos virtuais. Para os autores, a partir da concepção da imagem sobre si mesmo, estar perceptível para a sociedade, o indivíduo procura satisfazer uma busca irreal identificando-se com características que se enquadram no padrão normativo estabelecido pela sociedade.

Como consequência dessa busca pela aprovação social, por meio da mídia, Farias; Monteiro (2012) permitem salientar que o usuário dessa rede social acaba se deixando levar por influências e elaboram um perfil com personalidades das quais não condizem com sua realidade, pois ele nomeia como será reparado pelos demais. Com isso, essas particularidades precisam estar aprovadas para o público. Para Keen (2009), é por meio dessa busca incansável pela aprovação que começam a acompanhar influencers e famosos, com o intuito de fazer algo que se assemelhe a eles. Daí vale questionar o que brinquedos como a Barbie fazem? O mesmo?

Nessa linha de raciocínio, no que tange à socialização por meio da rede social, para o autor, ter os mesmos gostos se comparado ao amigo virtual, é um fator que contribui para essa relação dentro da mídia, visto que a chance de ser aprovado aumenta com tal aptidão. Entretanto, é necessária uma certa vigilância com aquilo que é compartilhado com os seguidores, uma vez que circulando nas redes sociais, a qualquer instante essa exposição pode ser distorcida diante dos fatos. Consideremos que,

Em vez de usá-la para buscar notícias, informação ou cultura, nós a usamos para SERMOS de fato a notícia, a informação e a cultura. (...) Eles se dizem devotados à interação social, mas na realidade existem para que possamos fazer propaganda de nós mesmos. (Keen, 2009, p. 12).

Logo, ter precaução e cuidado é essencial ao estar logado em alguma rede social, uma vez que situando-se visível para o coletivo é o mesmo que estar perante a um julgamento segundo a relevância da normatividade. Assim sendo, em caso de não concordância, a propagação que se esperava adquirir pode ser transformada, uma vez que o próprio usuário passa a ser motivo de comentários perversos e, consequentemente, ocorre um cancelamento e exclusão digital (Farias; Monteiro, 2012).

É nessa tentativa de aceitação que diversas mulheres, influenciadas por famosas e empenhadas a se espelharem para conseguirem o sonhado corpo esteticamente padronizado, trazem para sua vida uma série de complicações, principalmente no que remete à saúde, porque acontecem situações na qual passa mal, chegando ao ponto de desmaiar, devido glicose baixa e ausência de vitaminas ao não se alimentar. Ao analisar tal situação, sinaliza Keen (2009) que o comum é a vítima descrever que visualizou na internet determinado regime que possuía garantia de efeito após a sua finalização, notícia falsa que foi disseminada através de uma figura teoricamente pública e que teve alta persuasão além dos malefícios causados na saúde de tal seguidora. Realmente, penso se não foi isso que amar o mundo Barbie, em minha infância, fez comigo.

Ainda no aspecto da construção de um perfil que se enquadre nos moldes estabelecidos dentro de um corpo social, para o autor, este é composto por concepções do senso comum. O consumismo se faz presente dentro dessa rede de conexões. É através dele que os blogueiros alcançam fama e, por conseguinte, ficam mais ricos, pois demonstram inumeráveis vantagens ao se obter determinado produto. Com isso, diversos usuários das redes, estando entediados e acompanhando diariamente postagens e influencers, acabam se deixando levar pela persuasão utilizada como forma de garantia de venda (Cortez; Ortigoz, 2002).

Repetidamente, tomado pela ilusão de imitar o famoso ícone, uma grande parcela desses seguidores compra a mercadoria. Sendo assim, sustentado em Keen (2009), esse público se propõe gastar até o que não tem. Outro aspecto a ser pontuado é o crescimento de doenças psicológicas se agrava, visto que a procura inesgotável por características físicas específicas e esperadas. Logo, manter uma prudência ao utilizar esses meios é de se considerar, pois a internet é a ferramenta crucial para o desenvolvimento social e suas interações no nosso tempo. Sendo assim, as redes sociais poderiam ter o intuito de manter conexões indiretamente, de caráter afetivo e respeitoso.

### **5.3 O universo Barbie e seus meandros**

Na busca por organizar um debate coerente, nossas fundamentações teóricas partirão das discussões feitas por Foucault (2007; 2011; 2002) e Santos *et al.* (2018), no que tange ao controle dos corpos, a docilização deles e os braços da medicina higienista inseridos na escola, na forma como conteúdos, a exemplo a biologia, ou mesmo a educação infantil, se ajustam a demandas das expectativas, da sociedade e da família, em dados contextos

como o de criar corpos ajustados as demandas de sexualidade, de gênero e de estética. Seria essa a intencionalidade investida em brinquedos como a boneca Barbie?

Nesse aspecto, a boneca Barbie pode ter tido forte influência, pois, a princípio, o cabelo normatizado seria o de caráter loiro e liso. Se comparada a primeira boneca lançada por Ruth Handler, em 9 de março de 1959, branca e loira, a sociedade ficou por muito tempo presa em aspectos uniformizados e irreais. Portanto, somente no ano de 1980 foi criada a primeira Barbie negra, com os cabelos crespos, desenhada pela designer Kitty Black Perkins. Desse modo, a partir de Brugnara, Silva (2012), quando se compara a primeira boneca lançada, houve uma discrepância lamentável em tempo cronológico.

Outrossim, apesar de o público contar com diversos modelos de bonecas, há uma exclusão concentrada nesse campo.

É notório que a quantidade de bonecas não normativas é bem menor, se associada ao protótipo padrão, já que a disposição de bonecas encontradas nos comércios continua sendo majoritariamente predominada pelo padrão estético imposto (Brugnera; Silva 2012). Descrito isso, retomando o foco dessa discussão, podemos arrazoar que, em uma sociedade cujo domínio do patriarcado se faz presente, a imagem da Barbie veio como símbolo do empoderamento feminino? Visto a companhia estadunidense de brinquedos Mattel, a maior fabricante do mundo, resolve produzir o Ken para ser o namorado da Barbie é um bom exemplo.

É evidente o fato de que eles não se casam e tampouco constituem uma família normativa, constatando que o gênero feminino pode ser independente, mas essa seria só uma maquiagem modernista dada a esse casal de bonecos? Se não temos como afirmar ou negar, Brugnera, Silva (2012) nos permitem inferir que a força da comercialização de ambos é tal que essa veracidade está presente até em trechos de música. Logo, é comércio, é capitalismo e lucro, é docilização. Tomemos como base trechos de fala atribuídas a Barbie em que ela assim se descreve:

Eu queria só um dia/ Ter um tempo só pra mim/ Nada a fazer, só olhar para o céu do meu jardim/ Sem ter aula ou almoço, ou tarefas pra fazer [...] Eu queria só um dia/Não ter tanto pra fazer/Sem trabalhar como escrava até o anoitecer/Sem camisas engomadas e nem blusas para passar (Mattel Entertainment, Livre-Barbie, 2004)<sup>1</sup>

Esses fragmentos, compostos da música da Barbie, fortalecem as árduas lutas enfrentadas pelas mulheres, denominadas como sexo frágil e vistas como dóceis e subalternas aos homens (Foucault, 2007). Ao mesmo tempo, trazem marcas que se ajustam às necessidades, mas que reforçam demandas de um mundo capital, individualizado, ansioso, insatisfeito, carente de demandas, de diretrizes e formas que possa gerar felicidade. Ter para ser e seria uma felicidade complexa, algo que o nosso tempo tem trazido a todo tempo. A psicanálise tá aí, atuando para atenuar os desmandos. Assim, nos atentemos que a psiquiatria e a medicalização desses corpos, para torná-los mais estáveis e felizes, é algo que precisamos ponderar, nos alerta Foucault (2002), quando descreve o que é tido como o normal e o anormal.

---

<sup>1</sup> Mattel Entertainment, LIVRE-Barbie, 2004. É um trecho da música – Livre, presente no filme A princesa e a plebeia, lançado, em 2004, nos Estados Unidos.

A questão é que nós não somos uma boneca, mas adotamos o discurso, damos aos nossos filhos e filhas esses desenhos de sociedade que um brinquedo traz. Um gênero que foi alcançando autonomia gradualmente, fato facilmente percebido nos tempos atuais. Uma boneca fictícia que tem forte influência no comportamento das meninas, esse fato é demonstrado na música - Livre, que está presente no filme A princesa e a plebeia, retratando a tentativa de ser livre e possuir autonomia sobre suas decisões e carreira profissional. O que vimos nessas e em outras instâncias são investimentos na produção de corpos e normatividades esperadas. Um corpo a ser produzido (FOUCAULT, 2007).

Para além das considerações que envolve brinquedos, mas focando no sujeito do nosso tempo, há aí elementos significativos a serem citados e validados. No que tange o espelho do corpo esteticamente padronizado e aceito por uma sociedade excludente, há decorrências dessa busca incansável, independente do meio para tal objetivo. A família, os brinquedos, as bonecas, a escola, as roupas, os desenhos animados na tela. Percebe-se aí um investimento de poder de alcance na produção de corpos dóceis e ajustados.

Pensar o feminino na atualidade passa por esse lugar, consideração e potência. Arrazoemos que as mídias digitais, nessa terceira década do século XXI, após quase dois anos de isolamento total ou parcial, devido à pandemia da covid, tornou-se uma geração mais digital que se deveria ou se pensou que nos tornaríamos, reforça Fischer (2021). Assim, refletimos se não é hora de mensurarmos tais demandas também. Levar em conta a força desses discursos e como eles tornaram-se parte da vida das pessoas, das crianças de colo ao adulto, que tomou o digital como ferramenta de trabalho, ocupação e diversão. Esse início da terceira década do século XXI já nos deixou esse legado, pelo isolamento forçado. Isso é de todo, algo bom ou devemos pensar em seus saldos negativos? E as gerações de crianças e adolescentes, como podemos mensurar isso? Podemos?

#### **5.4 Há influência do digital na identidade das novas gerações femininas?**

Ao avaliarmos a geração escolar, os adolescentes, à medida que influencers conquistam diariamente maior visibilidade sobre seus conteúdos, arrazoemos sobre o discurso que atravessa inteiramente o seguidor, com isso, sem pensar na divergência de realidade, que procura imitar aquele abdômen definido, cabelo liso, roupas de grife, carros luxuosos e toda espécie de conceito que se difere do cotidiano presente do outro lado da tela fictícia. Com isso, ao fantasiar um corpo, no qual a cintura é milimetricamente calculada, procurando retratar padrões expressos em bonecas, acontece o desenvolver de

doenças relacionadas ao distúrbio alimentar, visto que os influencers podem contar com o apoio de cirurgias estéticas e corpo físico (Brugnera; Silva, 2012).

Quando fazemos esse adendo, na descrição desse trabalho, nosso desafio é não fechar nossos olhos ao conjunto de formatos de discursos que atuam sobre os corpos e seu alto poder de alcance, que se sustenta nas provocações de Fischer (2021). Por outro lado, diante da classe social que acompanha e ajustou-se às suas demandas na perspectiva digital, nesse modo de viver, ponderamos que ela é persuadida pelo conteúdo diário do influencer, além disso é uma camada social com todos os tipos de poder aquisitivo. E quem os vê, também tem as mesmas condições econômicas de custeio? Aí se instala o dilema entre os de menor poder aquisitivo, por conseguinte as disfunções que passam a ser psicológicas e agravam cada vez mais o quadro clínico do sujeito que consome o virtual e que não é alcançável em seu mundo real.

Assim, é necessário enfatizar a divergência de fatos provocada através do uso das mídias sociais e como elas têm auxiliado na formação dos sujeitos, embora esse não seja o foco deste trabalho. Mas a questão é que, uma vez que a teoria e a prática são realidades distintas para cada indivíduo (Fischer, 2021), estar separado figurativamente por uma tela de um celular, questão já presente na vida das crianças ainda bebês no nosso tempo, tem sido ferramenta de formação de modelação de corpos também. Daí começam as formatações do que se espera de corpos e comportamentos. Falamos de uma mídia que se tornou ferramenta poderosa até no campo das metodologias.

### **5.5 O brinquedo, a forma de docilização e a construção do feminino com as bonecas**

Junto à boneca mais famosa do mundo, Barbie, que reflete moda e magia, insinuando ser apenas um brinquedo ingênuo com a finalidade de distrair as crianças, recorte sinalizado anteriormente, de maneira explícita há a intenção de propagar um modelo de padronização de corpo, etnia e conduta, questão também já levantada. Desde o seu lançamento, a Mattel<sup>2</sup> produziu numerosos itens para compor as caixas dessas bonecas, como coroa, maquiagem, sapatos, roupas, entre outros utensílios.

Todos esses objetos na forma de complementação podem estar inseridos nessa tentativa de padronização e imposição de um mundo excepcional imaginário das bonecas. O intuito dessa comercialização pode ser o de propagar esse mundo cor-de-rosa para as meninas, além de instituir moldes para a convivência em sociedade. E como não seria? tem como

---

<sup>2</sup> Mattel Inc. é uma companhia estadunidense de brinquedos com sede em El Segundo, sendo o maior fabricante do mundo, em que bonecas Barbie são um dos principais produtos.

não o ser? Referimo-nos a uma Barbie que incentiva a procura incansável pelo contentamento, pelo meio de obtenção de bens materiais.

Uma princesa sabe usar uma colher. Tem mil sapatos para escolher o que quiser. Tem conduta exemplar, é discreta ao jantar e demonstra interesse em ouvir. Pés delicados ao dançar. O protocolo respeitar. Goste ou não a solução é dizer sim. Sua postura, por favor! Mais elegante que uma flor. Saber curvar e acenar assim [...] O seu porte é perfeito, sem manias ou trejeitos! (Mattel Entertainment, Mainframe Entertainment, 2004)

Com esse posicionamento da Mattel, presente na música “Como ser uma princesa – Barbie” é notório a imposição de como o gênero feminino deve comportar-se diante dos acontecimentos diários, além disso, é nítido que a aparência externa precisa estar sempre impecável para alcançar o título de princesa. Dessa forma, desde crianças, as meninas são habituadas a seguirem o protótipo que encontram nas mídias digitais, este conseqüentemente é refletido nas bonecas. Declara Foucault (2007) que o corpo da mulher foi esquadrinhado palmo a palmo para ser dominado e disciplinado. Com essa postura adotada desde a infância, futuramente essas meninas tendem a seguir normas impostas pelo gênero masculino, visto que a sociedade reforça o lugar submisso da mulher o tempo todo.

Este é um controle feito pelos homens, na maioria das vezes, embora quando é conveniente e critério de subsistência e manutenção de poder, essa mulher o replica, estabelecendo esse modo de relação de poder com outras mulheres, para alcançar seus objetivos (Santos *et al.*, 2023). Essa é uma marca subjetiva que consegue se enraizar de modo infalível na concepção que essas crianças possuem do mundo. Mas esse não é um processo simples ou instantâneo, há um projeto de investimento na criança nesse sentido e de diferentes locais e modos.

Retomando a dimensão Barbie e padronização de corpos, sustentado em Brugnara, Silva (2012), quando crianças chegam até uma loja e escolhem uma boneca de presente. A maioria delas escolhem a Barbie padronizada, ou seja, branca, loira, magra, olhos claros, entre outros, isto é, características impostas pelo senso comum determinadas como particularidades essenciais ao padrão de beleza. Em seguida, essas crianças são inseridas na instituição escolar e convivem com diversos perfis ao seu redor. Todavia, elas foram introduzidas em um mundo onde aspectos externos são o que realmente importam.

Nesse sentido, ao brincarem, elas se identificam com a pele clara e afirmam ser a mais “bonita”, além disso, ao colorir algum desenho, sempre procuram pelo lápis de cor

rosa claro, popularmente conhecido como “cor de pele” (Brugnera; Silva 2012). Esse hábito precisa ser reconsiderado desde a infância, pois futuramente tende a contribuir e agregar ao estrutural racismo e preconceito. Percebe-se que esse processo da formação identitária, iniciada na infância, é rodeada de atitudes prejudiciais à percepção de adequar-se a algum grupo social.

O fato de a Barbie negra estar posicionada como forma de representatividade e inclusão social, apesar de demorar alguns anos a mais para ser lançada, foi uma das circunstâncias que aumentaram a exclusão social, algo curioso a se considerar. Apesar desse espaço ter alcançado o mercado, ainda sim a quantidade de bonecas negras vendidas em comparação às brancas é evidentemente menor (Brugnera; Silva 2012). Essa diferença reflete o posicionamento da preferência das próprias crianças, no qual, de maneira inconcebível, acabam ocultando suas origens.

Nesse contexto, no que tange à imposição de normas comportamentais sobre a sociedade, um simples brinquedo inserido nos estereótipos da população atual tem o poder de contribuir na formatação do sexo da criança e atitudes vindouras (Butler, 2003). Ressalta-se o fato de brinquedos de meninas serem associados a cuidados maternos e do lar, ou seja, a reprodução do conceito de quais atividades a mulher deve fazer no cotidiano, mas de maneira inconcebível os brinquedos de meninos se referem a velocidade e força, permite considerar a autora. Sendo assim, o estereótipo enraizado ainda se faz presente, mesmo após diversas conquistas de direitos do gênero feminino. Entretanto, se essas ponderações já estão associadas na mente de uma criança, ela crescerá desenvolvendo opinião crítica concretizada sobre tal aspecto.

“É menina ou menino?”, a pergunta que as grávidas ouvem na gestação diariamente, trazendo um misto de sensações de preocupação e medo. Silva (2013) nos auxilia considerar que a partir do momento que descobre o sexo biológico do bebê é como se fosse um divisor de águas na vida de um ser tão pequeno e indefeso. Desde então, a família se desdobra para o mundo cor de rosa ou azul, como se de maneira incompreensível a cor iria definir gostos e comportamentos desse recém-nascido. Sendo assim, a mãe é a primeira a instituir a cor, brinquedos e como essa criança irá se portar, esquecendo o fato de que a mesma pode gostar de outras cores e até mesmo ter curiosidade com outros brinquedos. Consideremos que,

Durante o desenvolvimento cognitivo, ambos são educados a brincar de “boneca” ou de “carrinho”; de “panelinha” ou de “futebol”, demarcando a “delimitação do espaço” de cada um, ou seja, a “boneca” (personificação de um bebê de colo, do ato da maternidade) e a “panelinha” (a “cozinha”) assim

como o “carrinho” (“homem” ao volante) e o “futebol” (esporte “de homem”) influenciam e reforçam a ideologia que reproduz a “submissão” feminina e a sobreposição masculina no status quo que designa a decodificação dos “papéis sociais” e as atitudes “inconscientes”, finalizando na inculcação do “modo de vida” das relações de gênero dispostas tradicionalmente (Silva, 2013, p.14).

Consequentemente, os indivíduos inclinam-se a proceder segundo a atribuição que foi designada a partir dos princípios do sexo biológico, sendo a menina dócil e o menino corajoso (Santos *et al.*, 2018). Porém, não há essa distinção de deveres, mas o que decorre é que ao descobrir o sexo do bebê, os pais e familiares relacionam o mesmo com atividades corriqueiras do dia a dia que são impostas como encargos femininos ou masculinos. Isto posto, ao chegar na infância de forma padronizada, os pais começam a ensinar os deveres de casa de modo separado, meninas ajudam a mãe, com atividades do lar e os meninos auxiliam o pai.

Tal fato, reforça a idealização de tarefas subalternas ao respectivo gênero, até pelo demérito histórico do labor doméstico feminino. Nesse aspecto, o brinquedo é entendido como um instrumento que carrega consigo os diferentes costumes da sociedade de determinada região, consequentemente ele traz um discurso do qual é utilizado como forma de representação do domínio que está inserido naquela população. Foucault (2010) vai considerar isso da seguinte forma,

[...] suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (p.8-9).

O fato de o discurso ser reproduzido durante várias gerações, reforça o poder de fala, pois os conceitos e visão de mundo são reformulados. Entretanto, é notório a dificuldade de romper um estereótipo. Tendo como exemplo, quando a Mattel lançou um comercial, no ano de 2015, em que a boneca vestia uma coleção de alta costura e uma especificidade que chamou a atenção do público foi o fato de um menino brincar de boneca junto com duas meninas (Brugnera; Silva, 2012). Apesar disso, o discurso repetitivo de que boneca é brinquedo de menina ainda se faz presente no corpo social, deixando uma divisão de objetos em relação ao gênero. Ainda assim, os educadores enfatizam a importância de ambos os sexos desfrutarem dos brinquedos presentes no mercado infantojuvenil.

Os autores ainda nos chamam a uma reflexão interessante. No ano de 2019, a linha Baby Alive desenvolveu uma publicidade com o tema “Se cuidar de boneca pode

ensinar tanto para uma menina, por que não faria o mesmo para um menino?”, o intuito desse comercial além de divulgar seus produtos era de realçar a necessidade de os meninos também aprenderem os modos corretos para se cuidar de um bebê, portanto, mais uma vez houve uma tentativa de quebra de clichê estereotipado no qual o cuidado com crianças se refere somente a imagem da mulher. Todavia, apesar de existirem alguns comerciais a esse respeito, os mesmos não são propagados de forma eficaz. De algum modo a divulgação nas mídias sociais não alcança o desejado, devido ao poder de fala presente nas famílias “tradicionais” e o sistema bem instituído do certo e errado, normal e anormal (Foucault, 2002).

Trazer essas perspectivas a esse trabalho são interessantes, porque trazem consigo para além do sociológico, nos desloca a força pensar também o econômico que estão atrelados. Estamos nos referindo a um produto de mercado de alcance e peso econômico considerado, às circunstâncias em que o consumismo alcança o público-alvo infantil através do marketing digital e move toda uma indústria e produção de riqueza a quem produz. Segundo Cortez,

O consumo envolve também coesão social, produção e reprodução de valores e é uma atividade que envolve a tomada de decisões políticas e morais praticamente todos os dias. Quando consumimos, de certa forma manifestamos a forma como vemos o mundo. Há, portanto, uma conexão entre valores éticos, escolhas políticas, visões sobre a natureza e comportamentos relacionados às atividades de consumo (Cortez, 2009, p. 35).

É necessário enfatizar que essa faixa etária apresenta características propícias para que o capitalismo utilize suas ferramentas para vender seus produtos. De maneira que a maioria dos pais já introduzem o meio digital como forma de entretenimento desde os recém-nascidos, e o mercado e o capitalismo sabem e usam disso como ferramenta. A contar dessa situação, as empresas utilizam os horários comerciais como forma de mercantilizar seus elementos, principalmente os brinquedos (Brugnera; Silva, 2012).

Avaliemos que os passatempos das crianças atuais envolvem objetos de valor – celulares e eletrônicos similares. Estes possuem um certo prazo de validade, pois à medida que novos são lançados no mercado o consumismo utiliza de influencers digitais, contando com poucos minutos para divulgação de seus produtos. Nesse ínterim, as crianças caracterizam esses indivíduos como celebridades, pois querem reproduzir todo o conteúdo produzido por ele, como já discutimos anteriormente.

Exemplificando, desfrutamos do filme da Barbie, lançado em 2023, o qual contou com o grande apoio da divulgação digital, uma vez que a sua propagação dispôs

de uma faixa etária bastante diversificada, em função de a boneca ser um objeto memorável na vida da coletividade. Além disto, os cinemas dispuseram uma caixa instagramável, ou seja, tirava uma foto e publicava nas redes sociais fazendo as devidas menções. Ressalta-se, a grandiosidade deste marketing, porquanto as crianças necessitavam estar acompanhadas de seus respectivos responsáveis, pois a classificação indicativa do filme é acima dos 12 anos, permite considerar Brugnara e Silva (2012).

Ademais, os autores nos ajudam a sinalizar questões significativas como a combinações de roupas totalmente na paleta dos tons cor de rosa. Dessa forma, ao publicarem nas mídias sociais, obtinham um numeroso público alcançado, a partir desses e de outros discursos que envolvem o tema. Então, outras crianças despertavam o desejo de ir ao cinema e ser fotografada. Além de tudo, o comércio local das lojas conquistou lucros excedidos, uma vez que acentuaram o percentual de vendas em itens rosa, além dos elementos personalizados. Um movimento identificado em várias regiões do mundo onde o filme alcançou a mídia significativamente (Cortez; Ortigoz, 2009)

Estamos discutindo aqui para além de um mercado ou produção de materiais. Atentemos que as sociedades sofrem mudanças constantemente. Entretanto, no final do século XX, com a divisão de classe, o gênero e a sexualidade ficaram mais acentuados (Foucault, 2007), pois, a partir daí, a mulher começou a ganhar o seu espaço dentro das classes sociais. Apesar dessa conquista, essa luta continua até os dias atuais, visto que independente do setor, ela estará em desvantagem. Isso se explica pela circunstância de receber uma remuneração menor se comparada a do sexo masculino, mesmo que desempenhando a mesma função (Butler, 2003). Além disso, a ocupação de cargos na política é majoritariamente preenchida por homens.

Com o decorrer dessas transformações, há uma descentralização do sujeito, a chamada crise de identidade discutida por Hall (2005). Dessa forma, o indivíduo necessita esconder sua real identidade em alguns momentos, pois somente assim consegue uma certa visibilidade perante a sociedade, quando se percebe fora da norma, desajustado ao esperado (Foucault, 2002). Segundo o autor,

[...] a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos 'dóceis'. A disciplina aumenta as forças dos corpos (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) [...] (Foucault, 2011, p.164-165)

Entretanto, a verdadeira essência do sujeito é sufocada dentro de um corpo docilizado, que necessita estar disciplinado, pois depende de quem tem o poder do discurso. Sendo assim, apesar das inúmeras revoluções e conquistas alcançadas pelo

gênero feminino, esta classe vai continuar sendo minuciosamente docilizada para tentar encaixá-la em padrões inconcebíveis que são estabelecidos e a Barbie é um desses modos. Ainda nesse aspecto, é necessário ressaltar que o sujeito assume traços de identidades diferentes em diversos momentos (Hall, 2005). Do mesmo modo, ao se deparar com uma situação que o exige, o indivíduo assume um papel que muitas vezes não lhe pertence, pois depende dessa visão a ser retratada sobre si mesmo (Santos *et al.*, 2018).

Na luta pela construção das identidades descritas por Hall, (2005), de acordo com Foucault (2010), cada um dos lados determina os dogmas intocáveis na moral do outro, ou seja, o olhar do sujeito está voltado para defender o seu próprio ponto de vista, de forma em que não há muito lugar para ocupação de outras opiniões e modos de pensar. Sendo assim, é rotulado como errado aquele que discorda de determinado ponto de vista, a partir disso acontece a segregação social e a penalidade disso é exclusão do indivíduo no corpo social. Ao determinar alguma restrição, seja referente ao modo de pensar ou agir, há um impedimento no que se tange ao desenvolver das coisas, por exemplo. Santos (2016) vai discutir isso dentro do debate de heteronormatividade.

O curioso é que os familiares usam do poder de fala, seus discursos de poder na efetiva micro relação de poder (Foucault, 2007), para determinar que rosa é para menina e azul para menino. A partir desse impedimento a criança começa a ver o mundo com dois polos que se convergem entre si. Entretanto, o saber precisa estar moldado de forma que independentemente de cor, a criança está livre para usar e brincar, de modo que não seja rotulado por causa de seus gostos e aptidões, auxilia afirmar Santos *et al.* (2018).

Na escola, apesar das experiências vividas pelo professor, ele encontra uma problemática na distinção das questões acadêmicas e a realidade presenciada no cotidiano dos seus alunos trazem subjetividades específicas e contrastantes. E sobre os pais na escola e sua força de definição de seu papel? Isso se deve ao fato de possuir o poder de fala e, a partir disso, influenciar em sérias decisões a serem tomadas. Atentemos que o local em que acontecem inúmeras cenas, tanto de medo e felicidade, é na instituição escolar e, principalmente, por esse motivo o educador carece dessa formação.

Há que se destacar que atitudes como estas possuem a capacidade de marcar a vida de uma criança e adolescente tanto positivamente quanto trazendo desajustes e questionamentos. Nesse aspecto, o aluno que sofreu algum tipo de bullying voltado a sua sexualidade, carrega traumas consigo no decorrer da sua vida pessoal e profissional (Santos *et al.*, 2018). Nesse momento, o professor, que se encontra à frente da turma, precisa dialogar e construir pensamentos reflexivos nos estudantes, visando construir

pensamentos éticos, de reconhecimento e de convívio para e com a sociedade, salienta o autor.

Outro exemplo é o fato da cor do lápis, ao questionarem sobre cor de pele. Há um estereótipo de que o lápis rosa claro é padronizado como cor de pele, surgindo o início de uma exclusão dentro da instituição escolar. Em suma, há consequências em ser o professor que de alguma forma ou outra, consegue amenizar os danos causados por comentários maldosos a respeito de características externas, entre elas, destaca-se a principal visão que os alunos constroem a respeito. Meditemos que o educador é visto como um ombro amigo e dispõe ali o apoio que muitas vezes a criança não encontrou em casa. Embora precisemos sempre observar e pensar a escola como espaço nunca neutro ou sem dúvidas e perversas intenções, desde seu currículo (Silva, 2013)

### **5.6 Escola, controle e docilização de corpo: os controles como marca da escola**

A instituição escolar é uma ferramenta que assume o papel de promover uma prática composta de atitudes nas quais o controle do corpo é usado diariamente. Ela assume como objetivo garantir a aprendizagem de conhecimento e assegurar à socialização do indivíduo, dentro daquilo que ela espera. Sendo assim, as crianças precisam seguir regras específicas e professores assumem esse papel de docilizar esses corpos (Foucault, 2007). Portanto, a função no âmbito escolar não é somente transmitir o conhecimento necessário para a cidadania. Cidadania no sentido de cumprir um tradicionalismo exigido na matriz curricular e que atende o que se espera para formar sujeitos ajustados e aceitos na sociedade.

É importante a execução dessas normas, pois somente assim a escola é bem-vista socialmente, exatamente porque enquadra, ajusta, normatiza, dociliza os corpos em formação, diz Foucault (2007). Sendo aquela que está composta de princípios indispensáveis para a formação desses indivíduos que serão tidos como civilizados, capazes de conviver com os outros. Nessa rede de relações, o professor é quem fica com o poder de fala, a responsabilidade do enquadramento em sala de aula.

A escola é instituição que se atribuiu sobre ela o lugar importante na sociedade, porque cumpre papel de docilização. Silva (2013) fala que ela categoriza, classifica, atribui quem pode e quem não pode, ou tem condições e não as tem, aquele que conquistou o direito de avançar ou permanecer por não estar apto. Enfim, essa instituição normalizadora, que tem papel de ação sobre os corpos, tornou-se reconhecida pela sociedade, pelas instâncias políticas. Para Foucault (2004) é ferramenta de controle

em diferentes aspectos sendo outorgada pela família, o papel de dar aos corpos o formato e proceder que o habilitará estar mais bem visto na instância social. Nesse sentido, segundo o autor,

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e de técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (Foucault, 2004, p.125).

Apesar de a escola ser colocada, vista, entendida como espaço de amparo e abrigo das crianças, é notório o modo em que ela foi planejada, principalmente a acomodação das salas de aula e a ordem que ela pretende deixar na vida de quem passa por ela (Silva, 2013). O modelo padrão idealizado são fileiras que serão preenchidas por estudantes com a mesma faixa etária, sendo assim, o professor habilita-se, torna-se um competente profissional a desenhar hábitos, de transcrever cópias, e explicar o conteúdo (Santos *et al.*, 2018). Mas que conteúdo é esse? Aquele que está preestabelecido a ser ensinado, determinado pelos currículos que atende uma expectativa dos saberes tidos normatizados, aceitos, qualificados. Mas quem os atribui, separa e os determina? Ele é gerado pelas cadeias de poder que dizem o que pode e o que não pode, centrados a atender expectativas de mercado, de sociedade, de indústria do capitalismo (Silva, 2013).

E na sala de aula? Nela, sempre se exige o silêncio e organização, visto que a quantidade de conteúdo que precisa ser passado para a turma, no decorrer do ano letivo, ser impossível de caber dentro do tempo que se tem. Se o tempo de duração da aula fica muito pequeno, porque se insiste em conteúdos grandes? Para que uns possam complementá-los, pelas condições sociais que têm e outros não os acesse, mantendo as divisões de classe, questão bem discutida por Santos *et al.* (2019).

Tomando por referência as relações de poder e a forma como o capital cultural legitimado é articulado. Esses temas são compreendidos, quando auxiliados pelas observações de currículo de Silva (2013). São questões entrelaçadas a quando os alunos desenvolvem comportamentos habituais de aprender o que lhes foi passado e de nem sempre possuírem um espaço para interrogações. Essa organização dentro das salas de aulas, se caracteriza com a necessidade de o professor estar centralizado e utilizando técnicas reguladoras.

Estas são primordiais para a construção de indivíduos dóceis que estão sob a observação do educador (Foucault, 2007). Mas como seria essa organização? Tendo por exemplo a distribuição das fileiras, na qual o professor possui o domínio de escolher essa ordem, já que aqueles alunos considerados “desobedientes” instintivamente são remanejados para mais próximo do professor, pois dessa maneira estarão sob maior tutela, buscando a melhor conduta com os colegas de classe. Nesse aspecto, de acordo com Souza (1998),

As carteiras individuais foram enfatizadas como as melhores do ponto de vista pedagógico, moral e higiênico. Num processo de escolarização em massa ao qual correspondia adequadamente a escola graduada (grupos escolares), a padronização e homogeneização combinavam paradoxalmente com a individualização do aluno. A carteira individual constituía um dispositivo ideal para manter a distância entre os alunos, evitando o contato, a brincadeira, a distração perniciosas. Nenhum contato com outros corpos, isolado cada aluno em seu espaço – do domínio da carteira e suas adjacências – ficavam garantidas a disciplina, a moral e o asseio. (Souza, 1998, p.140)

Além disso, sustentados no autor, sabe-se que há uma rotulação na questão de níveis de conhecimento, uma vez que alunos considerados melhores, por sempre tirarem as maiores notas em provas, ocuparem as primeiras posições das filas. Nesse sentido, o local tido por abrigo, passa a ser um espaço de classificação, pelo lugar que ocupam, para a maioria dos estudantes. Entretanto, geralmente esses alunos precisam ser levados a pensarem para outras possibilidades, estratégias, ações e movimentos efetivos que os auxiliem a superar as limitações que os acompanha (Santos *et al.*, 2018).

Todavia, professores comentam sobre o mau comportamento, e lançam-se ao uso de ferramentas de punição, como ficar sem recreio, o responsável precisar comparecer na escola e até mesmo receber uma ficha de ocorrência escolar. Essa escola de poder descrita por Silva (2013), que coloca suas regras, suas formas de controle e formatação do sujeito social que se almeja, diante dos normais e anormais (Foucault 2002). Dessa forma, muitas vezes não se busca compreender os contextos de forma integral, suficiente e satisfatória, e já aplicam instrumentos de poder como forma de manter os alunos com corpos dóceis, por via do controle.

É fundamental destacar que a equipe pedagógica também está nesse jogo de apropriação das ferramentas de poder, pois a coordenação, juntamente com a administração, estabelece regras e moldes a serem seguidos. Entretanto, na maioria das vezes o professor precisa encaixar novas atividades dentro do seu plano de aula e, com isso, o tempo ainda fica mais reduzido para uma atenção individual aos alunos. Foucault (2004a, p.174) é auxiliador nisso, ao dizer que é “um espaço fechado, recortado, vigiado

em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar físico onde os menores movimentos são controlados onde todos os acontecimentos são registrados”. Escola e prisão, uma coisa só.

A supervisão monitora os planejamentos e atividades desenvolvidas pela equipe pedagógica, entretanto, tal acontecimento pode causar um impedimento em certas atividades idealizadas. Nem por isso menos útil. Portanto, é de suma necessidade uma preparação para esta equipe que fica à frente, pois não possuindo os conhecimentos adequados acaba impossibilitando o desenvolver de determinadas atribuições, como por exemplo, atividades práticas contando com uma roda de conversa, propondo o diálogo professor e aluno, dentre outros. Dessa forma, o modelo padronizado ganha maior espaço e o professor ocupa um lugar de poder, este já sendo moldado anteriormente através dos seus superiores.

O modelo da edificação da sala de direção traz consigo uma imagem de autoridade e poder sob o professor e aluno. Em concordância, Foucault (2004a) afirma que o âmbito escolar é uma ferramenta de inspeção. Seria um “funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (p.134). Em consequência disso, os alunos crescem com o estereótipo de que, caso forem chamados na sala da diretoria, é para uma punição de algo incorreto que fez.

## 6 CAPÍTULO III

### 6.1 Subalternização e docilização feminina: Vício histórico ou comodidade do patriarcado?

Este capítulo tem por propósito trazer um pouco do diálogo do tema, atravessado por depoimentos, uma discussão feita com a pergunta inicial em forma do título *Identidade feminina: um vício histórico ou comodidade do patriarcado?*. Sobre isso, trata-se de fragmentos de todo um artigo, produzido no início dos trabalhos para desenvolvimento desse TCC e que iniciou toda uma organização conceitual do tema. Dessa forma, foi possível discuti-lo de e com ênfase diferentes em dois eventos acadêmicos e publicado como capítulo de livro (Santos *et al.*, 2024).

E, afinal, o enquadramento da identidade feminina é um vício histórico ou comodidade do patriarcado? Ponderamos que ambas as hipóteses podem coexistir e serem

verdadeiras. Nosso intuito central reside em analisar os efeitos prejudiciais dessa construção do feminino na sociedade atual, sem, no entanto, aprofundar a discussão sobre o patriarcado auxiliado por depoimentos. Este é tema amplamente discutido na instância acadêmica. Nosso objetivo central reside em analisar os efeitos prejudiciais dessa construção do feminino na sociedade atual, sem, contudo, aprofundar a discussão sobre o patriarcado e seus mecanismos de atuação, o que demandaria uma análise mais detida, possivelmente enriquecida por depoimentos.

Portanto, dialogar acerca do que se entende de identidade feminina e as diferenças que permitem adentrar no campo da construção e contestação do que é ser mulher, indo se desdobrar no movimento feminista e ao domínio patriarcal (Butler, 2003). Realidade que nos chama a examinar os direitos e os deveres impostos pela sociedade no modo de vida das mulheres. Dessa maneira, sinaliza a autora, os debates reivindicados por esse grupo social surgiram durante o século XIX, após a Revolução Francesa, e o desejo de diminuir as desigualdades entre os gêneros travou desde então essa luta que nos parece inglória devido à vagarosidade com que avança e, às vezes, até retrocede.

Prova disso é que no presente, o que caracterizamos de movimento feminista, surgiu quando começaram as lutas pelos direitos políticos e no momento a batalha é ao que se refere a respeito do domínio desses corpos, questão que envolveu o corpo da mulher de forma discriminatória e desrespeitosa, como Foucault (2007) descreve. De forma mais panorâmica, o que temos presenciado no cotidiano da sociedade é que, além do ambiente acadêmico, há uma preocupação com as causas feministas existentes mundo afora.

Isso porque vivenciamos um tempo que é de reconhecimento público dos princípios da garantia dos direitos. Apesar disso, é evidente que estes não são cumpridos, mantendo vícios históricos de não reconhecimento das mulheres em certas instâncias. Pensar o reconhecimento dos direitos a essa questão é saber o que abrange a reflexão das diferenças. Nesse contexto, é necessário ressaltar as relações democráticas e sociais presentes entre homens e mulheres. Logo, é a partir dessas temáticas que pretendemos discorrer sobre a mulher de nosso tempo e de que forma a história pode ser repensada e o patriarcado perca um pouco de sua força, permite salientar Butler (2003).

No debate que envolve essencialismo e construtivismo, segundo Firmino e Porchat (2017), no tocante ao gênero, diferentes linhas do debate acadêmico como os feitos por feministas, antropólogos, sociólogos, historiadores, psicólogos e educadores, eles jamais chegaram a um consenso. Isso porque o que parecia ser teoria mostrou-se ser

fundamento de diretrizes nos movimentos sociais. Nesse ínterim, surge pensadores como Butler (2003), dentre outros, com uma proposta para teorias de gênero, cujo papel é de relevância, pois desloca o debate para a área dos efeitos do poder debatidas por Michel Foucault (2007).

Os debates surgidos nos anos de 1960 acerca dos problemas de gênero feminino até o nosso tempo vêm sendo realizados, compreendendo o gênero como fundamento para lutas políticas, mas que ainda carece de avançar. E afinal, o que é o gênero? Auxiliados por Butler (2003) somado a outros autores como Michel Foucault (2002; 2007; 2011), pretendemos contribuir para esse entendimento, para além do que já trouxemos sobre a docilização dos corpos e tendo a Barbie como uma referência de aparato de docilização.

Nisso, temos aqui algumas considerações sobre o trabalho que foi construído a partir de depoimentos de estudantes de graduação que narram seus conflitos e dificuldades, quando pensado no lugar do feminino, nos dispositivos de controle e conceitos de normatização que envolve nossa sociedade. O que pensam mulheres graduandas sobre esse lugar rígido do gênero e da sexualidade, da cor e da pele, do masculino em relação ao feminino, das normas de corpo dentro do ajuste esperado?

*Sou filha do meu pai, irmã do meu irmão, mas não posso fazer as mesmas coisas que eles porque não sou um homem. Cresci em uma família onde meus pais viviam trabalhando e mal os via, grande parte do tempo tive que assumir responsabilidades que não pertenciam a mim e isso me fez amadurecer mais cedo do que deveria. Em meio disso, procurava a aprovação dos meus pais, mas principalmente do meu pai que era meu super-herói. Comecei a lutar karatê para ver se ele passava mais tempo em casa, porém com o tempo criei gosto em praticar o esporte. Apesar de ser muito nova e ser a única menina do dojo, era uma das melhores. Uma das coisas que mais me motivavam a lutar era ouvir dos outros meninos que eu nunca ia ser melhor que eles, que aquilo era coisa de menino. Durante a minha infância ouvia sempre que eu era Maria macho, que nem parecia menina e outras coisas parecidas, mas nunca me importei com isso porque só me importava em ser a melhor e meu pai ter orgulho de mim. Contudo, depois de uma competição ouvi meu pai, que era um dos avaliadores, e outros professores falando da minha performance. Eles me elogiaram e disseram também “pena que ela nasceu mulher e não um homem”, meu pai concordou com a fala deles. Nesse dia, percebi que tudo pelo que eu me esforçava foi em vão porque não sou um homem, ouvir meu próprio pai não acreditando em mim e no meu potencial me deixou no chão. Essa foi a primeira vez que realmente senti o peso de ser mulher (Participante 03).*

Ao iniciar essa discussão, agora referenciada em depoimentos, trazemos um recorte de fala que nos serve de guia e fortalecimento desse debate. O fragmento “*não posso fazer as mesmas coisas que eles porque não sou um homem*” nos mostra como culturalmente esse lugar da mulher foi inferiorizado pelos próprios homens. Mesmo que

haja uma busca pelo reconhecimento e mérito, conforme o recorte *“procurava a aprovação dos meus pais, mas principalmente do meu pai que era meu super-herói”* demonstra.

Acreditamos que o fragmento *“ouvir dos outros meninos que eu nunca ia ser melhor que eles, que aquilo era coisa de menino”* trazem conceitos que estão na sociedade e dificilmente conseguimos fugir deles, porque somos a todo tempo capturados por se tratar de questão estrutural. É a sociedade que reforça esse lugar subalterno da mulher a todo tempo. O fragmento *“ouvia sempre que eu era Maria macho, que nem parecia menina”* nos mostra o quanto estamos ainda longe do esperado, merecido e coerente à mulher.

Quando consideramos o valor e o papel do pai na formação da identidade da filha, os fragmentos *“Eles me elogiaram e disseram também ‘pena que ela nasceu mulher e não um homem’, pelo que eu me esforçava foi em vão porque não sou um homem”* e *“ouvir meu próprio pai não acreditando em mim e no meu potencial me deixou no chão”* nos chama para uma luta de reconhecimento dessa mulher, desse corpo, dessa identidade e de seu valor social. O que podemos considerar é que esse gênero que é enquadrado, está associado ao desejo, ao corpo e a sexualidade da mulher, mas tira dela demais direitos de igualdade. Nisso,

Ao postular o “sexo” como “causa” das experiências sexuais, do comportamento e do desejo a produção tática da categorização descontínua e binária do sexo oculta os objetivos estratégicos do próprio aparato de produção. A pesquisa genealógica de Foucault expõe essa “causa” ostensiva como um “efeito”, como a produção de um dado regime de sexualidade que busca regular a experiência sexual instituindo as categorias distintas do sexo como funções fundacionais e causais, em todo e qualquer tratamento discursivo da sexualidade (Butler, 2003, p. 46, grifos do autor).

A intenção é que seja assegurado a igualdade de direitos, no campo da diferença e que se promova o respeito com os diversos gêneros presentes na sociedade. Esta não é uma luta de alguns ou somente das mulheres, a sociedade tem se mobilizado nesse sentido, haja visto que este trabalho de TCC, toma como linha condutora o uso de uma boneca – Barbie, para embasar muito de nossas discussões. Portanto, os debates acadêmicos têm dado conta de dar espaço e sido referência para muitos estudos como até os feitos no campo das masculinidades, tal qual Santos *et al* (2018) nos sinaliza.

Mas, vale ressaltar que, na instância nacional, tenhamos vivido um governo no país, de resistência aos direitos da mulher entre 2018 e 2022, conforme citamos. Mesmo que avanços anteriores tenham ocorrido e sejam difíceis de reversibilidade, como a Lei

Maria da Penha. Sendo assim, para além das ações protetivas à mulher, quanto à violência, devemos considerar a questão dessa mulher no campo dos direitos de igualdade social. No recorte de fala adiante, essas questões podem ser bem percebidas. Outra participante diz:

*Sou filha do meu pai, e não posso ser e nem fazer as coisas que ele faz, porque sou mulher e a sociedade traz severas imposições de como devo me portar. Se cursar medicina veterinária, agronomia, gostar de fazenda, andar a cavalo eu deixo uma versão menos dócil sobre mim, e como sou mulher não devo deixar transparecer. Na minha infância, eu e meus primos sempre íamos para a casa da minha avó na fazenda, e amávamos brincar na terra, ir para o curral, andar a cavalo, mas isso eram eles, eu não podia ir...pois era uma mocinha, e por isso devia ficar dentro de casa brincando de boneca. Essas cenas ficaram gravadas em meu coração, e foi o fardo mais pesado que já senti em minha existência como mulher. Por fim, tenho o direito de ter hobbies e executar as mesmas atividades, e isso não me faz inferior; e sim, muito mais forte (Participante 05).*

O recorte de fala da participante evidencia alguns enfrentamentos e dores. O fragmento “*sou mulher e a sociedade traz severas imposições de como devo me portar*” confirma isso. Na sequência, quando a participante diz “*pois era uma mocinha, e por isso devia ficar dentro de casa brincando de boneca*”, o recorte nos permite observar como o feminino é recortado e enquadrado e a questão e o preço emocional para as mulheres disso. O fragmento, “*foi o fardo mais pesado que já senti em minha existência como mulher*” nos fala a respeito disso. Tomemos o recorte de nossa participante nesse sentido “*tenho [temos] o direito de ter hobbies e executar as mesmas atividades, e isso não me [nos] faz inferior*”. Pelas narrativas, fica perceptível que é indispensável políticas que reconheçam a mulher como sujeito de direitos iguais na sociedade. Inclusive devido às violências de gênero.

No Brasil, ao adentrarmos no assunto das leis de proteção a essa mulher, um marco nos é referência e, mesmo que conhecido, não pode deixar de ser citado. Falamos de uma lei que tem por objetivo proteger mulheres, quando vítimas de violência doméstica, visando à punibilidade de seus agressores – a já mencionada Lei Maria da Penha. Citamos também que, em 2023, tramita na Câmara dos deputados e Senado Federal uma emenda que a atualiza e torna a atual e em vigor, ainda mais eficiente.

Ela foi criada pela ministra do planejamento, Simone Tebet. O texto deixa explícito que a Lei Maria da Penha será aplicada, não dependendo dos motivos e origens dos atos de violência. Visando às medidas protetivas para as vítimas, em caráter de emergência, ela será concedida independente da tipificação penal, do ajuizamento de ação

civil ou penal, da existência de um boletim de ocorrência ou mesmo em casos de inexistência inquérito policial. O texto foi aprovado pelo Senado Federal e segue para a sanção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O que nos chama a atenção, para além da violência contra o corpo e a dignidade feminina, que começa lá na infância com a docilização e enquadramento de seu corpo, como o tema Barbie, é a forma de se manter intacta a visão do corpo dessa mulher como objeto, enquadramento e expectativas, que nos desloca aqui. Passadas décadas de luta e busca por reconhecimento, igualdade e mesmo proteção, a mulher em casos de violência, a persistência de comportamentos normativos de corpo, de cabelo, de cor da pele, valores impostos e exigidos a todas, ainda é um marco em nossa sociedade. O recorte de fala a seguir nos é auxiliador nesse entendimento. A participante narra,

*Eu sempre tive dificuldades com relação a aceitação das minhas raízes, pois acredito que o discurso do cabelo liso e o manejo do cabelo liso ser mais fácil de cuidar me atravessou em um momento da minha infância. Lembro que quando eu tinha 13 anos e até os meus 19 anos eu praticava capoeira no centro cultural. Durante esse período foi a época que eu mais sofri preconceito por causa dos meus cabelos. Na capoeira todos têm apelidos dados pelos mestres de capoeira e eu recebi o apelido de vassourinha. Tive que lidar com isso a minha vida toda. Hoje, de vez em quando encontro colegas da capoeira que me chamam assim. Para eles é uma coisa natural, mas para mim não é. É doloroso. Quando me deram o apelido cheguei em casa e falei para a minha mãe que não queria ter o meu cabelo afro, foi quando comecei a alisar o meu cabelo, e até hoje continuo alisando. Fiquei na capoeira por mais três anos e depois sai, porque achava que com os cabelos lisos eles iriam mudar o meu apelido e não foi isso que aconteceu então resolvi sair. Hoje sofro por ser uma mulher fora dos padrões de beleza, sou uma mulher gorda e tenho que lidar com isso no trabalho e na família. No trabalho sempre surgem piadas disfarçadas de preconceito em relação ao meu corpo, na família o preconceito vem da minha mãe e das minhas tias acham que sou gorda porque tenho algum problema de saúde. Porque as pessoas associam um corpo gordo a um corpo doente (Participante 2).*

Tomando o recorte por referência, buscamos em Butler (2003, p.37) esclarecimentos que nos são auxiliares. Para a autora, “[...] as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero.”, por isso não basta ter nascido em um corpo biológico feminino. Para ser mulher, têm que estar dentro dos padrões de beleza impostos, moldados, estabelecidos pela sociedade, conforme podemos perceber. É esta a questão que gera deslocamento, dores e baixa autoestima, quando nos deparamos fora desse padrão esperado, como bem sinalizamos nas considerações teóricas.

No fragmento “*Na capoeira todos têm apelidos dados pelos mestres de capoeira e eu recebi o apelido de vassourinha*”, tal conduta faz parte do que Foucault (2007)

denominou de naturalização de questões sociais criadas em dado momento e com uma intencionalidade. O fragmento “*Quando me deram o apelido cheguei em casa e falei para a minha mãe que não queria ter o meu cabelo afro, foi quando comecei a alisar o meu cabelo, e até hoje continuo alisando*” nos chama a atenção para o quanto o discurso normativo tem poder de alcance e molde, mas num processo de subalternização, de deterioração dos valores desse corpo que não tem que atender padrões.

Logo, quando lemos “*Fiquei na capoeira por mais três anos e depois sai, porque achava que com os cabelos lisos eles iriam mudar o meu apelido e não foi isso que aconteceu então resolvi sair*” é fácil a compreensão de como toda essa demanda é complexa. Falamos de uma exigência da norma que é rígida e dolorosa. Ser branca, ter cabelos lisos, ser magra e entre outros, por mais que cada país possua uma cultura diferente, esses padrões sempre são os esperados, principalmente quando levamos em conta a globalização que vivemos na contemporaneidade.

Por causa disso, antes de retomar a discussão sobre identidade, foi e continua sendo necessário dialogar sobre a construção dessa identidade de gênero, a forma como aparatos como a indústria, o capitalismo, o cinema, a família impõe esse lugar da norma. Aí arrazoamos que para ter o reconhecimento de ser uma mulher ou de ser um homem, é necessário estar de acordo com os moldes. Segundo Butler, o gênero é:

A estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (Butler, 2003, p. 59).

Nesse cenário, é necessário discorrer as inúmeras indagações, entendimentos e debates que englobam propostas que convergem do modelo exclusivo e idealizado de padrões machistas. No que mencionamos, estes arquétipos se enraizaram e moldam e há muito já vinham moldando a construção da identidade feminina (Foucault, 2007). Conforme afirma Priore (2013), foram precisos mais de 200 anos para as mulheres conquistarem os direitos lhes que permitem a cidadania e a liberdade de expressão e, ainda, questionamos se o foi plenamente. Priore declara,

O século XXI será das mulheres! Quem avisa são os filósofos. De fato, elas estão em toda a parte, cada vez mais visíveis e atuantes. Saíram de casa, ganharam a rua e a vida. Hoje trabalham, sustentam a família, vêm e vão, cuidam da alma e do corpo, ganham e gastam, amam e odeiam. Quebram tabus e tradições. Não é pouco para quem há cinquenta anos só tinham um objetivo na vida: casar e ter filhos (Priore, 2013, p.5).

Apesar das conquistas alcançadas por esse grupo social, é evidente que o comportamento ainda é doutrinado por padrões machistas e as Barbies estão aí confirmando isso. Por isso, compreende-se que trejeitos tidos como femininos são esperados e cobrados pela sociedade a esse corpo da mulher. Isso nos remete a Foucault (2007), no desenvolvimento da naturalização e ele nos guia à reflexão, em que existe um discurso que molda, caracteriza e controla a quem atravessa. Por essa razão, a construção de um papel da mulher na sociedade é algo histórico e não biológico, como é apresentado e validado pelo discurso que foi criado e se perpetua de diferentes formas. Nesse entendimento de Foucault, afirma-se que,

Com forma de funcionar parcialmente distinta há as "sociedades de discurso", cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição (Foucault, 2007, p. 39).

Em vista disso, é significativo considerar que o modelo ideal construído a respeito do comportamento feminino do corpo dessa mulher, afirma Foucault (2007), foi esquadrihado palmo a palmo para ser dominado e disciplinado, conforme discutimos. Houve um investimento para que se conhecesse, dominasse, docilizasse, mais que isso, tornasse um corpo produtivo e obediente, capaz de replicar esse padrão, principalmente pelas mulheres professoras. O preço disso foi o adoecimento do corpo dessa mulher, a esterilização dessa mulher, salienta o autor. Daí a importância dessa luta que não pode cessar.

Trazendo esse processo de ação sobre o corpo da mulher, vale considerar que a construção das identidades baseiam-se nos discursos que são transmitidos pela sociedade. Consequentemente, Foucault (2007) afirma que a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras. Tais discursos podem sofrer modificações de acordo com a comunidade e o tempo histórico em que se encontra.

Mas, daí a pergunta: como romper com certos discursos de subalternização da mulher? Como fugir ao discurso histórico que a coloca como inferior? Isso é possível, jade acordo com que sinalizamos nos capítulos anteriores. Segundo Foucault (2007), é importante compreender os eventos passados que levaram ao contexto em que vivemos no nosso tempo, para romper com a perversa e histórica naturalização de mulher adoecida, histórica, limitada, obediente. Nesse campo de saber,

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também pode reparar essa dignidade despedaçada (Adiche, 2019, p. 32).

É sustentado no autor que independência, libertação, equivalência e múltiplas lutas vêm presidindo a história das mulheres. Para Adichie (2019), esses são direitos que, no presente, parecem tão consolidados, como estudar, ter uma profissão fora do lar e exercer direitos políticos. A partir das considerações do autor, arrazoamos ser importante inteirar-se ao passado dos excluídos, suas impressões próprias, as dificuldades do período e das circunstâncias que cada indivíduo venha a ter vivenciado dentro de um círculo social e cultural, perceptível no debate de gênero no nosso tempo. A formação do sujeito ocorre no interior de uma relação de poder sistematicamente rígida e, como o que entra no campo da subjetividade, é importante que ela seja reconhecida em sua diversidade também. Nisso, talvez um novo tipo de política, a política feminista,

[...] seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e a identidade – isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político (Butler, 2003, p. 23).

Em vista disso, Santos (2013, p.167) reafirma que “As identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação”. Contudo, ainda é presenciado um movimento de oposição às conquistas femininas. Homens que ainda pensam que as mulheres são pessoas submissas, inferiores e ignorantes, conforme podemos ver em alguns estudos que abordam as contradições da construção dessas masculinidades (Connell, 1995; Connell & Messerschmidt, 2013).

Nesse sentido, Santos (2013) aponta que grupos de masculinidade tóxica que propagam um discurso de ódio e violência contra as mulheres em redes sociais. Eles se autodeclaram fazendo referência ao filme “Matrix” e espalham seu pensamento de dominação por meio de podcasts, workshops e minicursos de como recuperar a masculinidade que foi roubada pelas mulheres. O autor descreve isso desde os anos de 1980, as manifestações de desprezo que transpassam o ambiente virtual, circulando nos demais espaços sociais.

Nesse caminho, a pesquisa intitulada “Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil”, veio com o objetivo de fazer um levantamento de informações e dados sobre as violências contra a mulher e as vitimizações sofridas, assim como tipos de

agressões. Elaborada pelo Instituto Datafolha, realizadas no período de 15 minutos. A ação organizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP, em sua quarta edição, revelou um aumento das violências contra o sexo feminino no ano de 2022 em relação a outros anos. Como acomodar isso se falamos de uma violência que está, também se manifestando abertamente nas escolas, entre colegas e entre professores e alunos, com tiroteios e massacres?

Portanto, buscando ajustar essa discussão para seu fechamento, embora saibamos que muito fica em aberto ao se tratar do tema, avaliemos o primórdio e necessário dispor do cuidar minuciosamente, antes de qualquer coisa, daquilo que está próximo ao professor. Dialogar com profissionais mais experientes é fundamental para a preparação de uma visão ampla no que se diz respeito aos acontecimentos corriqueiros dentro da sala de aula.

Desse modo, “[...] como se nos permitissem escutar com calma e reverência uma pessoa mais velha, retornando a uma época em que se aceitava que sabedoria tinha a ver com muitos (e bons) anos vividos” (Fischer, 2021, p.13). Com base nisso, “Soldar com o próprio sangue as fraturas de um século, de um tempo, de uma dada formação [...] não deixa de ser um convite radical [...]” (Fischer, 2021, p. 18). É nesse ponto que o docente se dedica para trabalhar sob essas brechas que ficam. Consequentemente, de alguma forma o professor será o mediador nesta ocasião, buscando reestabelecer as rupturas fundidas que foi escrita em sua trajetória escolar.

## **7 Algumas Considerações**

Um aspecto importante é que a identidade feminina, assim como todas as outras, não são sólidas e imutáveis, elas podem transformar-se porque são fluídas e dependem do modo em que o sujeito é representado para e na sociedade. Por consequência, elas não são perduráveis, são o oposto disso, sofrem mudanças. Sabemos que, conforme as culturas vão passando por modificações, certos comportamentos que antes eram vistos como normais e aceitáveis passaram a ser questionados e o fizemos aqui tendo a Barbie e julgamos como uma das boas referências no nosso tempo. Nesse sentido, entende-se que as mulheres são indivíduos que possuem várias identidades produzidas por meio de camadas sociais, etnias, origens, crenças, entre outros, e não poderiam ser enquadradas.

Outra questão a se considerar válida é a de que atualmente as circunstâncias ainda são de conquistas, se analisarmos toda a história de dominação, contraste de direitos e

liberdades, contraposto aos homens e o controle que se instala a partir da medicina. Os direitos, que na atualidade tornaram-se naturalizados, como estudar e ter uma profissão, foram assegurados pelos diversos movimentos feministas no decorrer do último século e início do século XXI. Entretanto, não há como negar que a luta por igualdade está longe de acabar e um enfrentamento tenso é contra a masculinidade tóxica. Falamos aqui de uma liberdade de ser mulher desvinculada do discurso machista, sexista e misógino.

Devemos questionar o papel da mídia social, visto que uma porcentagem de meninas que possuem o cabelo crespo não consegue se identificar com tal característica, fato que leva a desapropriação de culturas importantes para a construção social. Com isso, essas meninas crescem empenhando-se para ficarem semelhantes à imagem padronizada e idealizada por uma minoria que, através de determinadas práticas de controle estereotiparam, tal conceito e os depoimentos do último capítulo ilustram isso bem.

Outra questão a se salientar nesse trabalho é a sucessão de empecilhos encontrados no decorrer do crescimento pessoal dos alunos e alunas, em que o professor se depara com uma dificuldade em distinguir o conteúdo teórico daquele em que está presente nos dias comuns de quem o aprende. Discutir tais demandas Mais do que *respiro*, é caminho que pode nos ajudar nas orientações de projetos, no sentido de problematizar a dificuldade de articular discussão teórica, empíricos e cotidianos, no desafio de discutir a prática tão comum, da separação de questões supostamente *nobres* (acadêmicas) daquelas que teriam a ver com a *vida comum*. Sim, conquistar a confiança das crianças e jovens tem sido o desafio do pedagogo, que necessita fazer o uso de um discurso sensível, uma fala afetiva, demonstrando que se importa e possui domínio do assunto que pretende transferir para a classe.

## 8 REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **O perigo de uma História única**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

ARENDT, H. **A vida do espírito. O pensar, o Querer e o Julgar**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

ARENDT, H. **Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmund. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de

BAUMAN, S. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRUGNERA, M.; THAISE DA SILVA. **A boneca Barbie na cultura lúdica**: Brinquedo, infância e subjetivação. Zero-a-seis, v. 1, n. 26, 1 jul. 2012.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORTEZ, ATC., and ORTIGOZA, SAG., orgs. **Da produção ao consumo**: impactos socioambientais no espaço urbano [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 21, n. 1, p.241-282, 2013.

DE, I. **Projetos Interdisciplinares e a Formação Inicial de Professores/as de Ciências**. Disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/10061VxRA9BAS33rXvCkxknDkSWXlxbsa/view>>.

Acesso em: 18 jan. 2025.

ELLIS, C. The Ethnographic I: **A Methodological Novel About Autoethnography**. Walnut Creek: AltaMira Press, 2004.

FARIAS, L.; MONTEIRO, T. Intercom -Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Prêmio Expocom 2012 -Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação **A IDENTIDADE ADQUIRIDA NAS REDES SOCIAIS ATRAVÉS DO CONCEITO DE PERSONA**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/r32-1497-1.pdf>>.

Acesso em: 17 jan. 2025.

FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler**: apontamentos a partir de “Problemas de gênero”. In: Rev. Bras. Psicol. Educ., vol. 19, n. 1, p. 51-61, jan/jun. 2017.

FISCHER, R. M. B. **Foucault e a análise de discurso em educação**. Cadernos de

pesquisa. Porto Alegre: n.114. 2001.

FISCHER, R. M. B. (2021). **Por uma escuta da Arte**: ensaio sobre poéticas possíveis na pesquisa. Rev. Bras. Estud. Presença. vol.11 n° 1 Porto Alegre, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Edições Loyola, São Paulo, 2011.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade volume I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal. 2007.

FOUCAULT, M. **Os Anormais**. São Paulo. Martins Fontes, 2002.

GERBER, J. National Socialism and Colonialism: **The Barbie Trial as a Primal Scene of Competing Memories**. Abhandlungen zur Medien- und Kulturwissenschaft, p. 137–153, 1 jan. 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PRIORE, M. D. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Editora Planeta, 2013.vViolência

SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice**: O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, W. B. **Adolescência heteronormativa masculina**: entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária. São Paulo: Editora Intermeios. 2016.

SANTOS, W. B.; SANT'ANNA, T. F.; DIAS, W. F.; FALEIRO, W. **O masculino e o feminino na escola**: as contradições da norma e da forma discursivamente impostas. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

SANTOS, W. B.; SOUSA, C. J. R.; ALVES, D. F. K.; OLIVEIRA, D. O. FALEIRO, W. Modelos 3DR nas Ciências da Natureza: um repensar do Capital Cultural na escola do campo. Goiânia, Kelps, 2019.

SANTOS, W. B.; MOTA M. C. C.; CASTEJON, M.; OLIVEIRA, A. D. **Mulher encarcerada**: a dor inerente da condição feminina. Uberlândia: Editora Intermeios, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SOUZA, R.F. **Templos de civilização**: A implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910) São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

SYAZWANI, I. **Shulman\_1986.pdf**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/365692603/Shulman-1986-pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

VISÍVEL E INVISÍVEL - A Vitimização de Mulheres no Brasil - Determinantes Sociais da Saúde. Disponível em: <<https://dssbr.ensp.fiocruz.br/visivel-e>>

[invisivel%E2%80%8B-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil/>](#). Acesso em: 27 mar. 2023.